

LA ZATTERA DI PIETRA

Collana diretta da Giovanni Borriero, Giovanni Cara, Barbara Gori

Comitato scientifico

António Apolinário Lourenço (Universidade de Coimbra)
Manuel Ferreira (Universidade da Coruña)
Giorgio de Marchis (Università di Roma Tre)
Carmen Mejía Ruiz (Universidad Complutense de Madrid)
Carlo Pulsoni (Università degli Studi di Perugia)
Antonio Sáez Delgado (Universidade de Évora - Portogallo)

Comitato editoriale

Stefano Bazzaco (Università di Verona)
Ivo Elies Oliveras (Scuola Superiore Meridionale)
Maria Aparecida Fontes (Università degli Studi di Padova)
Guida Minerva Boni (Università L'Orientale di Napoli)
Santiago Serantes Blanco (Università degli Studi di Padova)

I volumi della collana sono sottoposti a procedura di *double peer review*.

ESTUDOS PARA MÁRIO CLÁUDIO

Organização
Barbara Gori
José Vieira

cleup

Pubblicazione realizzata con il contributo del Dipartimento di Studi Linguistici e Letterari (DiSLL) dell'Università degli Studi di Padova.

Prima edizione: ottobre 2023

ISSN 2785-6429

ISBN 978 88 5495 621 6

© 2023 CLEUP sc

“Cooperativa Libreria Editrice Università di Padova”

via G. Belzoni 118/3 – Padova (t. +39 049 8753496)

www.cleup.it

www.facebook.com/cleup

Tutti i diritti di traduzione, riproduzione e adattamento, totale o parziale, con qualsiasi mezzo (comprese le copie fotostatiche e i microfilm) sono riservati.

Grafica di copertina di Danilo Santinelli.

www.danilosantinelli.it

Índice

Prefácio	7
Mário Cláudio No Abraço de Pádua	11
Ana Paula Arnaut A escrita poliédrica de Mário Cláudio	13
Brunello Natale De Cusatis <i>A Fuga para o Egipto</i> de Mário Cláudio: representação monologante entre o sagrado e o profano do conhecido episódio bíblico	29
Dionísio Vila Maior Mário Cláudio, Bernardo Soares e os pequenos deuses que viajam	37
Gabriela Iurcev Mário Cláudio e Salazar: léxico e retórica política em <i>Tocata para Dois Clarins</i>	49
Gerson Luiz Roani «Se eu me esquecer, que seque minha mão direita!» Revisitação da Memória Judaica em Mário Cláudio	65
Guia M. Boni <i>A língua e as línguas na Peregrinação</i> de Barnabé das Índias	79

Jorge Vicente Valentim “E não será o Amor [...] o mais importante, entre todos os deveres”? Sobre armários devassados e dissidências homoeróticas em Mário Cláudio	91
José Vieira A história de uma história. Autoficção e verdade em <i>Embora Eu Seja Um Velho Errante</i>	103
Maria da Graça Gomes de Pina Um narrador misterioso para um conto misterioso	113
Maria Fontes Mário Cláudio e a hermética travessia pelo barroco, em <i>A fuga para o Egito</i>	127
Martinho Soares Espaço e lugares naturais na obra de Mário Cláudio	143
Rui Alberto Costa Amadeo: uma biografia intersemiótica	159
Silvio Renato Jorge Traços de uma cidade: Lisboa e o Estado Novo	171
Ugo Serani Mário Cláudio, ou da éfrase geradora	183
Bionotas	193

Prefácio

A Literatura é a expressão do que é humano
George Steiner

Um prefácio, assim como uma homenagem, podem tentadoramente cair na melancolia do academismo e dos formalismos, acabando por afastar o leitor e por eliminar a curiosidade de quem se atreve a abrir um livro. Como nota de abertura, os prefácios devem anunciar ao que vêm e justificar o que se lhes segue.

Se a literatura, como escreveu George Steiner, é “a expressão do que é humano”, as línguas são, por sua vez, o veículo ou o meio dessa expressão tomar corpo e voz. A língua portuguesa e Mário Cláudio fazem parte dessa voz e desse corpo feito livro e palavra.

Mário Cláudio é o escritor português vivo com a mais longa carreira literária, superando já os 50 anos, cumpridos em 2019, meio século depois da publicação do livro de poemas *O Ciclo de Cypris*. O ficcionista portuense conta com mais de trinta romances editados, a que se juntam crónicas, peças de teatro, contos e coletâneas de ensaios, sendo não só um dos mais prolíferos autores da literatura de língua portuguesa contemporânea, como também um dos mais agraciados com diversos prémios de índole literária e cultural.

Por estas razões, durante os dias 5 e 6 de maio de 2022, a Universidade de Pádua, velha de oito séculos, com a organização da Cátedra Manuel Alegre do Instituto Camões, em parceria com o Dipartimento di Studi Linguistici e Letterari e da Embaixada de Portugal em Roma, realizou o “Congresso Internacional Língua

Referências bibliográficas

- Angelo Adriano Faria de ASSIS, *O exílio da memória: a diáspora das crianças judias em Portugal no romance Oríon*, de Mário Cláudio, in *Literatura e cultura: percursos críticos* a cura di Maria Cristina Pimentel Campos, Gerson Luiz Roani, Viçosa, Arka Editora, Universidade Federal de Viçosa, pp. 159-181.
- Bíblia de Jerusalém*, São Paulo, Edições Paulinas, 1985.
- Elvira Cunha de Azevedo MEA, *O resgate dos meninos de São Tomé em Oríon*, In *Literatura e história. Actas do Colóquio Internacional. Volume II*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004, pp. 25-39.
- Garcia de RESENDE, *Chronica dos valerosos e insignes feitos del Rey Dom João II*, Coimbra, na Real Officina da Universidade, 1798.
- Gerson Luiz ROANI, *Ficções da identidade judaica na literatura*, in: *Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC: Tessituras, interações, convergências*. Universidade de São Paulo, Brasil. Disponível em www.abralic.org. (18/11/2022)
- João Miguel Gonçalves Lopes FERREIRA, *Oríon de Mário Cláudio: uma recriação do mundo*, Braga, Universidade Católica Portuguesa, 2010. (Dissertação de Mestrado em Literatura Portuguesa).
- Mário CLÁUDIO, *Oríon*, Lisboa, Dom Quixote, 2003.
- Paul RICOEUR, *Tempo e narrativa – Tomo III*, Campinas, Papirus, 1997.
- Rui de PINA, *Crónica de El-Rei Dom João II*, Coimbra, Atlântida, 1950.
- Samuel USQUE, *Consolaçam às Tribulaçõens de Israel. Tomo III. Edição de Mendes dos Remédios*, Coimbra, França Amado, 1907.
- Theodor ADORNO, Max HORKHEIMER, *Dialética do esclarecimento*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, 1991.
- Walter BENJAMIN, *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*, São Paulo, Brasiliense, 1994.

A língua e as línguas na Peregrinação de Barnabé das Índias

Guia M. Boni
(Università degli Studi di Napoli «L'Orientale»)

*A arte de narrar está definhando
porque a sabedoria – o lado épico da
verdade – está em extinção*
Walter Benjamin, «O Narrador», 1936

*Desde o Adriatico
ao mar das Hebridias a palavra Índia
soa como um grito de recordações dolorosas,
de gloria, e de remorsos.*

«Prologo», in *Da Viagem que em
Descobrimto da Índia fez
D. Vasco da Gama*, Porto, 1838

Publicado em 1998 aquando das comemorações da descoberta do caminho marítimo para a Índia e acabado, como se lê na última página, a 7 de Julho de 1997, passados 500 anos exatos da partida de Vasco da Gama do Restelo, a *Peregrinação de Barnabé das Índias* (Cláudio, 1998) evoca desde o título um imaginário tipicamente português, característico, aliás, da chamada ‘portugalidade’ de Mário Cláudio (Xavier Luís *et al.*, 2015; Soares 2019).

O romance é dedicado a Vasco da Gama, mas principalmente aos portugueses que o acompanharam e que permaneceram na sombra. Nomeadamente, Barnabé que aparece desde o título como representante e porta-voz da chusma.

Por muito extraordinária que tenha sido a empresa realizada nessa primeira viagem às Índias, como então se identificava o Oriente, praticamente nulos são os testemunhos de primeira mão, salvo a carta que um mercador florentino, Girolamo Sernigi, enviou para Florença, em 1499. Ele, contudo, não participara da viagem, tendo apenas ouvido os tripulantes de regresso ao porto de Lisboa²³. A narrativa de tal façanha podia ser reconstituída unicamente a partir dos textos que nos deixaram os cronistas, como João de Barros, Fernão Lopes de Castanheda ou Damião de Góis, décadas depois. Até que em 1838, Diogo Köpke – «lente de mathematica na Academia Polytechnica do Porto» – e António da Costa Paiva – «lente de Botânica e Agricultura na mesma Academia» – depois de terem descoberto o manuscrito que contava a história da memorável viagem, publicaram o inédito roteiro redigido por um tripulante anónimo (Köpke e Pavia, 1838; Alves, 2015). A publicação do texto deu azo a uma série de hipóteses relativas ao seu autor: ainda hoje há quem propenda por Álvaro Velho (Köpke e Pavia 1838: XIV-XV) ou por João de Sá (Radulet, 1994: 31-49), ambos tripulantes da nau São Rafael, ou, como sugere Sanjay Subrahmanyam (Subrahmanyam 2002: 114) poderia ter sido um marujo qualquer autor do manuscrito, um Barnabé qualquer que, contudo, integrou o grupo de 13 tripulantes que acompanhou o capitão na embaixada portuguesa junto do Samorim a Calicute:

E ao outro dia pella manham que foy huma segunda feira vinte oito dias do mes de Mayo foy o capitam a falar a EIRey e levou comsygo dos seus treze homens, dos quaees eu fuy hum delles (Köpke e Pavia, 1838: 53-54).

Barnabé, todavia, não é um nome qualquer: é o nome do apóstolo e tem por significado ‘filho do profeta’, nasceu de pais judeus (como o nosso Barnabé), depois se converteu ao cristianismo (como o nosso

²³ A primeira carta é de 10 de julho de 1499, escrita à chegada da nau Bérrio, e a segunda não tem data, mas é colocável entre a volta da nau São Gabriel e a de Vasco da Gama, que parou nos Açores para cuidar do irmão que morreu na Ilha Terceira. Lembro que a armada guiada por Vasco da Gama era composta por três navios (São Gabriel, São Rafael e Bérrio, mais um para os mantimentos).

Barnabé) e foi com Paulo de Tarso predicar para Antioquia (At. 13, 13-15). O binómio Barnabé e Paulo voltará também no romance enquanto o grumete, como o anónimo autor do manuscrito, viaja na São Rafael, liderada pelo irmão mais velho de Vasco da Gama, ou seja, Paulo.

Esses indícios permitem delinear o pano de fundo do romance, onde nada é deixado ao acaso e onde a narração, apesar do estilo imaginativo, não se afasta da História, simplesmente atribui um nome, e não um nome qualquer, ao eventual anónimo redator do manuscrito.

Às aventuras de Barnabé, na sua função de testemunha ocular, cabe a maior parte do livro. A Vasco da Gama, coprotagonista, cabe a trajetória histórica que vai de Dom João II (rei da sua infância) a Dom João III (monarca que o encarregou, com o título de vice-rei, de restabelecer a ordem no Estado da Índia), passando logicamente pelo reinado de Dom Manuel que lhe confiou a missão que se tornaria glória e que o elevou a conde de Vidigueira. Do ponto de vista estilístico, Barnabé usa um tom prosaico e Vasco da Gama um tom mais poético.

A propósito da última afirmação, ainda não citamos o nome impreterivelmente ligado à empresa de Gama: o de Camões, amiúde chamado em causa pela crítica (Soares 2019: 50-60; Botelho 2021), mas que na nossa opinião aparece aqui como marca-d’água, não como palimpsesto, ou seja Camões, e não só *Os Lusíadas*, aparecem por meio de citações intertextuais que se diluem na prosa, mas não constituem o arcabouço da obra, quando muito um eco, uma homenagem e não uma dívida²⁴. E se uma dívida quisermos apontar, veremos que Mário Cláudio a contrai com o género da épica – no sentido que lhe atribui Walter Benjamin – e principalmente com a figura do narrador, ambos

²⁴ Limito-me a citar alguns exemplos: a máquina do mundo de *Os Lusíadas* (X, 80), que transparece nas palavras de Barnabé: «que complexa, e quase indecifrável, se patenteia a maquinaria em que fez o Criador consistir o nosso Mundo» (cap. 6, p. 151), ou «já que nasce o amor da sabença da cousa amada» (cap. 8, p. 208), que inevitavelmente lembra o soneto camoniano: «Transforma-se o amador na cousa amada | por virtude de muito imaginar»; a pomba chamada Leonardo» (cap. IX, p. 253), que resulta ser uma homenagem ao marinheiro que seduz a ninfa Efire na Ilha dos Amores (X, 75-82), etc.

evocados desde o primeiro capítulo com a figura de Virgílio (cap. 1, p. 18) e não com um autor em particular, seja ele Camões ou Fernão Mendes Pinto. Até porque a realidade histórica e a cronológica não podem ser postas em causa: Vasco da Gama morreu no mesmo ano em que se supõe tenha nascido Camões, ou seja, em 1524.

Há, logicamente, correspondências que não podem ser fruto do acaso: dez são os capítulos do romance como dez são os cantos do poema épico de Camões: em ambos, o quinto corresponde à partida e o oitavo ao encontro entre os portugueses e o Samorim em Calicute.

Outro eco, poderia ser representado pelos títulos dos dez capítulos, formados por um artigo e um substantivo sempre no plural, como 'as Índias' do título ou 'os lusíadas' de Camões: um plural que se opõe à individualidade, a qual representa o maior perigo para façanhas exemplares como a de Vasco da Gama e companhia.

capítulo	título	páginas
1	As Neves	13-43
2	Os Demónios	44-71
3	As Chagas	72-99
4	Os Loucos	100-125
5	As Cordas	126-149
6	Os Peixes	150-178
7	Os Anjos	179-204
8	As Cidades	205-234
9	As Pombas	235-258
10	As Luzes	259-282

Ainda uma observação que nos aproxima ao assunto da nossa comunicação: a voz do narrador. Temos duas personagens principais, Vasco da Gama e Barnabé, mas na maioria dos capítulos o narrador – único, anónimo e heterodiegético, ou seja, alheio à ação – desempenha o papel de ligação, preenchendo os vazios. Voltemos ao esquema anterior para ver a distribuição dos papéis:

capítulo	título	narrador
1	As Neves	narrador eu = Barnabé
2	Os Demónios	narrador
3	As Chagas	Eu = Barnabé
4	Os Loucos	narrador
5	As Cordas	Eu/nós = Barnabé <i>et alii</i>
6	Os Peixes	Ele = Vasco da Gama
7	Os Anjos	narrador
8	As Cidades	Eu = Vasco da Gama p. 230 = escrita
9	As Pombas	diálogo Barnabé & VdaG narrador
10	As Luzes	nós = VdaG & Paulo narrador

Vasco da Gama e Barnabé falam ou escrevem nos capítulos-eixo: como no terceiro, quando Barnabé se torna cristão; no quinto, que corresponde à partida do Restelo; no oitavo, à chegada a Calicute, no nono onde anos depois se voltam a enfrentar; ou por fim no último onde o 'nós' é representado pelos dois irmãos: Paulo, morto na viagem de regresso, e Vasco. Ao narrador cabem os outros capítulos, costurando e remendando os prejuízos causados, como num manuscrito, por tempo e distância.

Tempo e espaço representam deveras uma peregrinação, não só geográfica (a chegada até a Índia), pois nunca são lineares, mas seguem o fio da memória.

O percurso até aqui realizado leva-nos à questão linguística: como é que a língua ou as línguas se inserem nessa paisagem acidentada? É notório o virtuosismo linguístico de Mário Cláudio, apontado unanimemente pela crítica. Neste romance, todavia, ao lado desse seu talento, encontramos o jogo diacrónico (português de Quinhentos e português atual) e diastrático (português popular e português culto), mas deparamo-nos também com um estilo que se adapta ao feitio das

personagens: concreto e corpóreo o de Barnabé; onírico e poético o de Vasco da Gama.

A prosa do futuro conde de Vidigueira é repleta de figuras poéticas como aliterações, assonâncias, anáforas, elipses... a que poderemos aplicar a categoria de 'poema em prosa' como foi definida por Charles Baudelaire:

Uma prosa poética, musical, sem ritmo e sem rima, suficientemente suave e contrastante para se adaptar às movimentações líricas da alma, às ondulações do sonho, aos sobressaltos da consciência²⁵ (Baudelaire 1869).

Todos elementos que vamos encontrar na prosa do almirante.

Ele fala e escreve com a voz da cultura como se pode depreender, por exemplo, no cap. 8, quando enumera os vários autores consultados, aprendidos de cor:

me referindo a tais fontes, a Chorographia, de Pompónio Mela, a Naturalis Historia, de Plínio, a De Civitate Dei, de Santo Agostinho, as Etimologias, de Santo Isidoro de Sevilha, os discursos de Marco Polo e de Giovanni di Pian del Carpine, de Pio II e de Pseudometódio e de Pseudocalístenes, a Historia Longobardorum, de Paulo Diácono, o Islário de Alonso de Santa Cruz, a Embajada de Tamerlán, de Ruy González de Clavijo, uma mancheia de escritos sem contar com larga cópia de roteiros e de cartas (Cláudio 1998: 207).

Mas essa sua cultura livresca, que sem dúvida o distingue do resto da chusma, não lhe oferece supostamente nenhuma sabedoria, antes parece confundir-lhe as ideias. O romance abre-se no ano de 1515 e Vasco encontra-se na sua quinta do Alentejo, onde tenta deixar por escrito as próprias lembranças, quase a colmatar o vazio deixado pela falta de testemunhas. Mas não consegue porque na sua cabeça se

²⁵ «Une prose poétique, musicale, sans rythme et sans rime, assez souple et assez heurtée pour s'adapter aux mouvements lyriques de l'âme, aux ondulations de la rêverie, aux soubresauts de la conscience». Tradução nossa.

misturam recordações da infância, da tripulação e essas imagens já desbotadas pelo tempo são envolvidas por uma espécie de neblina.

Eis aqui um parágrafo exemplificativo para todos:

E perguntando-me alguém que oceanos atravesssei, e a que enseadas terei aportado, resposta nenhuma me colhe, vinda dos fundos de um sono de chumbo, porquanto em sonho, e em nada mais, singraram as armadas em que me meti, e se a Lisboa reverteram, ou se de encontro aos rochedos se partiram, não alcançará atestá-lo com provas condignas a minha inteligência, e menos ainda a memória que me resta, empecida pelo cúmulo das décadas que é um dobre a finados, e composta de farrapos que o vento se empenha em levar, e das cidades de que umas linhas e umas cores leguei na relação que por aí fica, apagadas como se topam pela neblina que as não vestia dantes, não atino com o que quer que possa acrescentar, perdidas como as areias da praia de Sines que em infante erguia eu num alcácer imensíssimo, e que diversa criança não terá talvez remexido, e nas lágrimas mencionadas que me coalharam as faces, beneficiando de bênção do firmamento que para além de qualquer travessia, e num negrume de semeadas cintilações, se demora, eis que as florestas se diluem, e as tribos que por elas giram, e os desertos onde chocam as cobras os seus ovos, e as águias imperiais que as cobiçam, e ao termo deles as muralhas que defendem as mesquitas e os palácios, e o grito do muezim que varre os pontos da bússola, e o troar das canhonadas, quero dizer, este pranto, da fúria de Portugal (Cláudio 1998: 233-234).

As aliterações presentes no parágrafo, alternando-se reproduzem o fluir das ondas, a ida e volta com vogais que se abrem (*a*) e se fecham (*e*): «E perguntando-me alguém que oceanos *atravess*ei, e *a* que *enseadas terei* aportado, resposta *nenhUma me colhe*». As *naus* afastam-se para o incógnito, introduzido e reiterado pelo som 'u': «vinda *dos fundos* de um sono de chumbo, *porquAnto* em sonho» como se até o leitor perdesse de vista a terra, já em mar aberto (*a*) «e em *nada mais*, *singraram as armadas* em que me *mEti*» à mercê da boa ou da má-sorte representada pelo *e* «e *se a Lisboa reverteram*, ou *se de encontro aos rochedos se partiram*».

A língua poética de Vasco da Gama deve-se antes que tudo ao seu carácter intransitivo e autorreflexivo que reproduz, decalcando

do moto marinho, as ondulações dos pensamentos que se desenrolam por contiguidade:

e menos ainda a MEMÓRIA que me resta, EMPECIDA pelo cúmulo das décadas que é um dobre a finados, e COMPOSTA de farrapos que o vento se empenha em levar, e das cidades de que umas linhas e umas cores leguei na relação que por aí fica, APAGADAS como se topam pela neblina que as não vestia dantes.

Uma espécie de monólogo interior onde a realidade se derrete no inconsciente e a pontuação (nos parágrafos da autoria de Vasco da Gama temos 40, 30 ou 20 linhas sem um ponto, característica da língua portuguesa antiga, mas também do fluxo de consciência²⁶) subordina-se à vaga de sentimentos onde a memória fragilizada é arrastada pelo vento com linhas e cores que se apagam. Através desses desabafos que ele entrega à escrita («na relação que por aí fica»), ficamos a saber que é um homem idoso («memória que me resta, empecida pelo cúmulo das décadas que é um dobre a finados») que confunde («umas linhas e umas cores») as recordações («apagadas como se topam pela neblina que as não vestia dantes») da infância («perdidas como as areias da praia de Sines») e da idade adulta, ligada aos descobrimentos («eis que as florestas se diluem, e as tribos que por elas giram, e os desertos onde chocam as cobras os seus ovos, e as águias imperiais que as cobiçam, e ao termo deles as muralhas que defendem as mesquitas e os palácios, e o grito do muezim que varre os pontos da bússola, e o troar das canhonadas, quero dizer, este pranto, da fúria de Portugal»), onde o polissíndeto acentua o encalço de homens, animais, paisagens, religiões, batalhas para enfim confirmar o frenesi do furor português que se acentua nas cidades, como já antecipado no título do capítulo.

O discurso de Barnabé é bem diferente, em primeiro lugar porque nunca é escrito como o de Vasco da Gama, mas sempre falado. No penúltimo capítulo, assistimos ao encontro entre Vasco da Gama e

²⁶ Como escrevia Francisco da Silveira Bueno (1958: 198) relativamente aos textos antigos: «o excesso de orações num mesmo período é gritante. De cada um dêles se poderiam fazer muitos outros».

Barnabé, já antecipado nas derradeiras páginas do primeiro. É o mês de janeiro de 1519, ano importante para o almirante que, no mês de dezembro, receberá o agoniado título de conde de Vidigueira, o primeiro concedido a um português de sangue não real²⁷. Quase a contrabalançar a eventual humana vaidade chega Barnabé, sob as aparências de um mendigo (como Ulisses voltando para Ítaca) que lhe lembra a importância da recompensa do outro Mundo se comparada à da vida terrena. A sua língua é espontânea: antes de mais, como já dissemos, trata-se de um discurso direto com o inevitável uso do “vós” como forma de tratamento dirigido a Vasco da Gama: «havereis», «tratáveis», «convosco...».

porque se vos não consente a grandeza a lembrança de um desgraçado que convosco imensamente penou, e se dos pequenos mortais não cura o orgulho de almirante de Portugal, bem mesquinha será a recompensa que havereis de obter no outro Mundo, ainda que admita eu que do passado vos ficou a bomdade com que tratáveis os que sob o vosso mando serviam, e tantos gelos não terão derretido que se vos haja alterado a disposição, e como é facto que ameniza a idade a crueza do ânimo, diferente dos mais não sereis, já que a vosso favor registáveis a preciosa qualidade da valentia, e bravos a sério não existem, estou em crer, que a modéstia não transformem em esteio da sua compleição, e desse modo, se o nome vos desvendar, um eco vos alcançará da juventude da minha voz, que a guardava transparente como não a guardo hoje, e nela se compraziam as raparigas da terra donde sou oriundo, Ucanha denominada, a qual à beira de Lamego se situa, e fêmeas houve que, ignorando a nossa língua, não desdenhavam de em apreço colocar a rodada fala portuguesa com que no instante do amor à orelha lhes murmurava, e considerando que me remirais como se indeciso vos achásseis, pronto a que um relâmpago vos ofereça a realidade de quem sou, e lento em aceitar que uns quantos convosco para o Oriente singraram, afirmar-vos-ei que, por mor de melhor vos recordardes de mim, e não no fito de comer às vossas custas, é que tão a Sul me arresolvi a descer, afrontando as durezas da estação, pois que, **nem** de salteadores, **nem** de fantasmas, me temo, vencido o medo

²⁷ Título concedido depois de várias solicitações por Vasco da Gama ter ameaçado deixar Portugal para entrar ao serviço de Carlos (Subrahmanyam 2002: cap. 5).

destas cousas pelo medo que experimentei, e por quejanda razão louvado seja São Rafael, o qual a minha nau conduziu, e agora que me matastes a fome que me roía, brandamente vos irei declarar que Barnabé me chamo, e que a Calecute fui (Cláudio 1998: 237-238).

As funções sociais parecem invertidas: já não é Vasco da Gama a mandar, mas o antigo grumete, hoje venerável mendigo («ainda que admita eu que do passado vos ficou a bomdade»), com aquela posposição do sujeito que faz recair a ênfase sobre a personagem do povo, sobre a sua língua, onde predomina a parataxe, ou seja, a coordenação das frases, prevalentemente com o uso da copulativa «e», típica da língua viva e falada. Vasco da Gama opta pelo seu contrário: a hipotaxe, a subordinação sintática típica da forma escrita.

A leitura revela-se mais difícil por causa de uma língua não só antiga («esteio», «quejanda» ou a locução «no fito de»), mas pela estrutura da frase – sempre sem um ponto – que decalca a sintaxe antiga, com muitas inversões, típicas da língua arcaica. O sujeito é posposto ao predicado: «não consente a grandeza a lembrança» ou «se dos pequenos mortais não cura o orgulho de almirante de Portugal» em vez de «se o orgulho de almirante de Portugal não cura dos pequenos mortais» e frequentemente o adjetivo precede o substantivo: «pequenos mortais», «preciosa qualidade», «rolada fala»...

A língua concreta, viva, de Barnabé resulta mais complicada que a de Vasco da Gama, porque o estilo adoptado pelo almirante acentua o elemento eterno da poesia que, ultrapassando os séculos, chega até nós quase incólume.

Falta ainda o narrador, a *voz-off*, que não tem características próprias: não é uma voz moderna, mas é uma voz que se adapta, mimética. Quando o protagonista é Vasco da Gama, a língua eleva-se e roça o poético, quando é Barnabé a falar a língua torna-se mais popular e corpórea. Basta apresentar dois exemplos tirados do primeiro capítulo dedicado inteiramente a Vasco da Gama e do segundo a Barnabé, para notar quão imediato é o paralelismo:

Um velho no Inverno é a morte soprada, o tempo dorido, os fantasmas que a paciência esfarrapou. Põem-lhe aos pés a braseira, remexe as cinzas à procura de um rosto mais claro, aquieta-se nos reposteiros da sombra que o habita. (Cláudio, 1998: 13)

Corre este garoto chamado Barnabé com uma mancheia de canalha da sua criação, largando atrás de si o casario enegrecido do povoado de Ucanha donde é oriundo, e lança-se em busca de uma doida aventura (Cláudio 1998: 46).

No primeiro exemplo é evidente a escolha poética ditada por um desvio semântico: a combinação antitética entre um substantivo e um adjetivo não banal, não imediato: «morte soprada», «tempo dorido» ou a paciência que dilacera os fantasmas. Vasco da Gama, ainda não sabemos que é ele o «velho», procura nas cinzas da memória uma sombra que se torne cara e que provavelmente corresponde a Barnabé.

Vice-versa, a apresentação de Barnabé é extremamente concreta e cheia de informações nome, idade, origem, e a «doida aventura» que de qualquer maneira antecipa a futura viagem.

Este narrador que não tem uma voz própria, que relata experiências alheias, anónimo nos bastidores da epopeia, ainda mais anónimo do que Barnabé, não tendo ele sequer um nome, representaria no dizer de Walter Benjamin a arte da narração: «Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo» porque «a narrativa perfeita vem à luz do dia, como coroamento das várias camadas constituídas pelas narrações sucessivas» (Benjamin, 1987: 205). Neste sentido, os vários sedimentos acumulados nos séculos e usados pelo narrador em *Peregrinação de Barnabé das Índias* restituem uma prosa que remete para um trabalho linguístico, caracterizado pela aplicação que evoca a arte antiga das iluminuras, do entalhe, das lacas, dos rendilhados ou do estilo manuelino como já assinalado por Carla Sofia Gomes Xavier Luís (Xavier Luís 2011: 367-376). Uma língua mimética que, apesar dos cinco séculos passados entre os acontecimentos e o final do romance, remete para retomar as palavras de Benjamin, à arte de narrar, à sabedoria, ou seja, ao lado épico da verdade.

Referências bibliográficas

- Daniel Vecchio ALVES, «Literatura, História e Imaginário: a viagem de Vasco da Gama revisitada por Mário Cláudio», in *Remate de Males*, vol. 35, n. 2, Campinas-SP, Jul./Dez. 2015, pp. 29-51.
- Charles BAUDELAIRE, *Spleen de Paris*, Paris, Michel Levy, 1869.
- Walter BENJAMIN, «O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov», in *Obras escolhidas*. Magia e técnica, arte e política, São Paulo, Editora Brasiliense, 1987.
- Patrícia Pedrosa BOTELHO, «Barnabé ou o grumete da armada: o herói pós-moderno dos mares camonianos», in *Revista Resenhando*, vol. 3, n. 2, 2021 [consultado a 3 de abril de 2022 <https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/resenhando/article/download/1450/1148/>]
- Francisco da Silveira BUENO, *A formação histórica da língua portuguesa*, 2ª ed., Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1958, p. 198.
- Mário CLÁUDIO, *Peregrinação de Barnabé das Índias*, Lisboa, Dom Quixote, 1998.
- Diogo KOPKE; António da Costa PAIVA, *Roteiro da viagem que em descobrimento da Índia pelo Cabo de Boa Esperança fez Dom Vasco da Gama em 1497*, segundo um Manuscrito coetâneo existente na Bibliotheca Publica Portuense, publicado por Diogo Kopke Lente de Mathematica na Academia Polytechnica do Porto, e o Dr. Antonio da Costa Paiva Lente de Botanica e Agricultura na mesma Academia, Porto, Typographia Commercial Portuense, 1838.
- Carmen RADULET, *Vasco da Gama e la prima circumnavigazione dell'Africa (1497-1499)*, Parma, Diabasis, 1994, pp. 31-49.
- Martinho SOARES, *O essencial sobre Mário Cláudio*, Lisboa, INCM, 2019.
- Sanjay SUBRAHMANYAM, *Vasco da Gama. Légendes et tribulations du vice-roi des Indes*, Alma éditeur, 2002, p. 114 (1ª ed. Cambridge University Press, 1997).
- Carla Sofia Gomes XAVIER LUÍS, «Peregrinação de Barnabé das Índias», in ID., *Língua e Estilo: Um estudo da obra narrativa de Mário Cláudio*, Braga, Centro de Estudos em Letras – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2011.
- Carla Sofia Gomes XAVIER LUÍS, Alexandre António da Costa LUÍS, Miguel REAL (orgs.), *Mário Cláudio e a portugalidade / Atas de Colóquio Mário*, s.l., Fénix, 2015.

“E não será o Amor [...] o mais importante, entre todos os deveres”? Sobre armários devassados e dissidências homoeróticas em Mário Cláudio

Jorge Vicente Valentim
(UFSCar/CNPq)²⁸

A imaginação alimenta o amor, e por ela tornamo-nos mais sábios do que imaginávamos, melhores do que nos sentimos, mais nobres do que somos. Por meio dela vemos a vida como um todo; por meio dela e só dela entendemos os outros nas suas relações reais e ideais. Só o que possui excelência pode alimentar o Amor.
[Oscar WILDE. *De profundis*, 58].

Em 1895, ao responder no tribunal de Londres, sobre a escrita do seu poema “Two loves”, Oscar Wilde defende-se com a articulação de uma frase que ficaria gravada na memória não apenas dos julgamentos históricos, mas também, e sobretudo, dos que defendem a liberdade de expressão amorosa. Sem titubear, o poeta inglês declara:

O amor que não se atreve a dizer o seu nome é, neste século, um afeto sentido por um homem mais velho em relação a um homem mais novo, tão grande quanto o sentido entre David e Jonatan, o mesmo em que

²⁸ Doutor em Letras Vernáculas (Literatura Portuguesa) pela Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor Titular de Literaturas de Língua Portuguesa (Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa) do Departamento de Letras e Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Bolsista Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Presidente da Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa (ABRAPLIP), gestão 2022-2023.